

A egiptomania na América do Sul: um estudo multidisciplinar e comparativo

Margaret Bakos¹

O *Obelisco* da Av. 9 de julho em Buenos Aires, a *Casa egípcia* no Rio de Janeiro, a *publicidade da máquina de escrever* da Revista *O Globo*, o *Motel O Faraó* em São Paulo, o *Convite de réveillon* para uma Noche en el Nilo em Punta del Leste, entre tantos, tantos outros. Que fenômeno é este que ressurge, se reapresenta sob diferentes matérias, linguagens e suportes: prédios, monumentos, esculturas, pinturas, filmes, outdoors, cartões, ornamentos de todos os tipos, e com funções tão diversas? Encontros sexuais ou amorosos, enfeites, propagandas e anúncios!

Desde há muito, essa permanente convocação e apropriação de elementos e traços da cultura egípcia vem despertando minha curiosidade como pesquisadora, mas, durante muito tempo, desconhecia que esse tipo de prática tivesse mesmo um nome próprio. Foi somente com a localização do conceito de *egiptomania* de Humbert que vislumbrei a possibilidade de encará-lo como objeto de uma investigação científica regular.

Ocorre que a manifestação de interesse pelo Egito antigo pode assumir três pontos de vista diversos: o da *egiptologia*, ciência que surgiu no século XIX, a partir da decifração dos hieróglifos por Champollion, dedicada ao estudo de tudo o que é relativo ao antigo Egito, dando conta de um olhar acadêmico e rigoroso sobre os fenômenos advindos dessa cultura; o da *egiptofilia*, que consiste no gosto pela arquitetura, arte e textos egípcios ou que versam sobre eles, preocupando-se com o exotismo daquela sociedade e aspirando à posse desses objetos; e, finalmente, o da *egiptomania*, que consiste na apropriação e reutilização, meio à revelia, de elementos de gramática de ornamentos do antigo Egito, de tal forma com que lhes sejam atribuídos novos significados. Assim, ao se analisarem os achados de práticas de egiptomania, devem-se considerar bem do mais do que as origens da apropriação, examinando essas peças em seu estatuto de manifestação cultural, *da e na* sociedade, pois, ao

¹ Prof^ª.dr^ª. do Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (PUC-RS)

trazer esses objetos espetaculares novamente à vida, seus usos acrescem-lhes sentidos e significação. A representatividade dessa prática vem fazendo dela um domínio próprio de estudos no âmbito da egiptologia, privilegiado e singular, atinente à história da arte e da cultura dos apropriadores: é que o entendimento desses fenômenos, como *transculturação*, dota-os de uma dimensão histórica. Assim, o domínio de estudos da egiptomania examina as práticas e formas de apropriação particulares que cada cultura e sociedade faz de elementos do antigo Egito, pois elas dizem muito de seus imaginários, hábitos e práticas culturais, falando não só da permanência de valores representativos da cultura egípcia, mas daqueles da cultura que os acolhe, os modifica e os transforma.

As três imagens da história egípcia mais conhecidas como ícones da egiptomania foram criadas por volta de 2800 a.c., quando o primeiro rei Djoser, da III dinastia, inaugurou o antigo império, no qual se constituiu, do ponto de vista estético, sócio-econômico, político e religioso, um conjunto de elementos e instituições bastante representativos da civilização egípcia, com destaque no caráter divino do poder faraônico. Nessa fase áurea, deu-se início ao projeto arquitetônico que levou à criação das pirâmides de Gizé, da esfinge de Quefrém e dos obeliscos; desenvolveu-se a mais bela de todas as escritas - a hieroglífica; cultivaram-se rituais mortuários magníficos, originando mitos fundados na hibridização entre o humano e o divino, a fauna e a flora. Eram imagens que, de tão fortes e presentes no cotidiano, passaram a expressar uma segunda natureza egípcia – original, fascinante e mágica, tanto que perdura no tempo.

Ao que tudo indica, o fenômeno *egiptomania* teve seu início no século IV a.C, com a conquista do Egito por Alexandre da Macedônia; a partir de então, pela bacia do Mediterrâneo oriental navegaram, do continente africano ao europeu, obras primas originais dos egípcios antigos, que hoje se constituem em peças das coleções egípcias de museus do mundo inteiro, fornecendo modelos e inspiração às práticas de egiptomania, essas também universais.

A vitória das forças bélicas de Marco Antônio sobre as da rainha Cleópatra VII, contribuiu, a longo prazo, para um paulatino abandono dos hieróglifos (a última inscrição encontrada nessa escrita data de 24/8/394 d.c), mas efetivamente foi a partir da conquista do Egito por al-Ási, (642 d.c.), que ela caiu em desuso, devido à adoção, por parte dos egípcios, da língua, da escrita, da religião, do *habitus* e dos padrões estéticos orientais dos conquistadores. A beleza e o mistério da cultura egípcia, não obstante, sobrevive no imaginário coletivo ainda hoje, favorecido por toda uma historiografia de origem grega, que confere ao Egito a imagem de terra de prosperidade, perenidade e riqueza – o *celeiro da*

antigüidade –, lugar onde, ao invés de fome, se encontravam riquezas entesouradas, faraós imortais e deuses poderosos. Esses traços de *abastança*, *poder*, e *perenidade*, de certa forma, são os atributos simbolizados pelos ícones da egiptomania, que, aliás, dentre as sete maravilhas do mundo antigo, são únicos que permanecem.

O sentido original dessas imagens se perdeu, ao longo da Idade Média, quando surgiram novas formas de pensamento religioso. Nenhuma delas é tão importante como o hermetismo que vai buscar o nome a Hermes, equivalente helênico do Thot egípcio, deus benevolente, (...) criador do mundo graças à sua voz demiúrgica. (Lévêque, 1967, p.155).

De lá para cá, um mundo fantasioso sobre os egípcios antigos, partilhado também pelos povos asiáticos, vem, na verdade, sendo continuamente fomentado, através da reutilização de suas criações. Nessa direção, a campanha de Napoleão ao Egito, a decifração dos hieróglifos, bem como a descoberta da tumba intacta de Tutankhamon só fizeram tornar mais populares as práticas de egiptomania, elevando seu estudo à condição de nova especialização da egiptologia, e fomentando a egiptofilia em nível internacional.

No Brasil, a rota da egiptomania passa por Portugal devido ao papel desempenhado pela família real portuguesa na introdução de elementos do antigo Egito. Já no primeiro projeto de urbanização do Rio de Janeiro, em 1783, o passeio público foi planejado de forma a configurar um jardim ao gosto aristocrático, em que havia largos espaços destinados às representações das antigas tradições paradisíacas orientais. Além disso, os monarcas D. Pedro I e II são os responsáveis pela constituição da mais importante coleção de peças egípcias da América do Sul. (BAKOS, 2004, p.17)

Por tudo isso, não é de causar surpresa um convite para festa temática *Noche en el Nilo*, realizada no hotel Conrad, em Punta del Este, Uruguai, por ocasião da passagem de ano; ele, aliás, serve bem para ilustrar essas práticas de egiptomania. Obviamente, destinava-se ao turista endinheirado, fantasioso, acostumado a serviço VIP 5 estrelas, em veículo equipado com TV, frigobar, incluindo a *infaltable* champagne: afinal, esses são os frequentadores da cidade e do cassino do Conrad nessa época de final de ano.

As festas são manifestações da existência coletiva; sua teatralização põe em cena a ação comportada por uma narrativa. Não cabe aqui uma análise aprofundada; mas, não se pode deixar de dizer que, no contexto, se trata de escolha temática plausível e adequada, tendo em vista a necessidade de criação de um cenário festivo de caráter internacional, cujo motivo pudesse ser compartilhado por todos, hóspedes e convidados, congregando gente de várias partes do mundo. As apropriações foram produzidas tendo como suporte um conhecimento histórico, conforme fica demonstrado por alguns detalhes eruditos empregados. Houve

critério e capricho nas escolhas e na apresentação visual dos ícones da história egípcia – a esfinge, as pirâmides e outros monumentos altamente representativos do poder e da riqueza da instituição faraônica, apontando para a forma como o imaginário coletivo, de modo geral, concebe a sociedade egípcia: gente jovem e bonita, muito fausto, lazer e sensualidade; dirigentes, cercados por criadagem servil, bem nutridos e satisfeitos; muito mistério e, acima de tudo, um brinde à *perenidade*. (BAKOS, 2005, p. 235) Não é este o anseio mais profundo de todos os homens?

O uso do tema *Egito antigo* para uma festa é prática de egiptomania bastante antiga. Como esta, muitas outras vêm sendo realizadas pelo mundo afora, e já há milênios. Há mesmo muitos exemplos dessas apropriações aqui no Brasil. Mas essa festa em Punta del Este chamou a atenção pela suntuosidade e uso político, social e publicitário que fez dessa apropriação.

O achado e questionamento sobre essa prática de egiptomania vai em direção à proposta deste simpósio temático ao evidenciar a necessidade da multidisciplinaridade necessária à análise, apontando às características fundamentais da egiptomania, que apresenta

(1) muitas formas, desde a criação de logotipos, esculturas, pinturas, gravuras, objetos de uso pessoal (como jóias e objetos decorativos), monumentos públicos, música, pintura, escultura, até a escolha de motivos para festas temáticas. Enfim, como afirma Jean-Marcel Humbert, não há gênero que tenha escapado à sua influência, o que dificulta qualquer tentativa de sistematização;

(2) grandes problemas no que tange a indiferenciação entre as óticas da egiptologia, da egiptofilia e da egiptomania; A pesquisa, em curso, por exemplo, embora se realize com objetivos e métodos próprios da egiptologia, versam sobre práticas de egiptomania e, ao mesmo tempo, pode ter como alvo de interesse muito grande a egiptofilia;

(3) a questão da identidade cultural, como categoria de análise nas investigações sobre as mediações no processo de recepções e de produções transnacionais do Egito;

(4) a necessidade de conhecer sobre os seus ícones. Por exemplo, a própria palavra obelisco parece que desapareceu do vocabulário coloquial básico, pois, quando investigamos o obelisco no Brasil diversas das pessoas sequer sabiam o que a palavra significava. Esse desconhecimento levou a um segundo grande problema. Enviamos 145 questionários às capitais de todos os Estados brasileiros, e para outras localidades maiores, em

vários deles. Somente 28 % foram respondidas, ou seja, 41 mensagens. Em três, as pessoas escreveram afirmando que, nos seus municípios, não havia obeliscos. Quando tínhamos conhecimento da existência deles e escrevíamos novamente ou enviávamos fotos, recebíamos, numa segunda resposta, a confirmação de que na verdade havia um obelisco lá

(5) diferentes *suportes* para a apresentação, desde construções arquitetônicas, convites para festas, objetos decorativos, cartões de visitas, e inúmeros espaços, cada vez mais ampliados através do aumento dos meios de comunicação de massa, desde a imprensa escrita: jornais, revistas, livros, bem como televisivos, mas principalmente pela propaganda de estabelecimentos comerciais e industriais, em outdoors, nomes e divulgados de maneiras as mais diversas.

Considerações finais

A *egiptomania* destaca o papel maior do Egito antigo: o de agente de um dos mais longos fenômenos de transferência cultural já contabilizado, matriz de valores e de gostos estéticos mundiais contemporâneos.

A *egiptomania* é o fenômeno mais antigo e mais longo de transculturação jamais ocorrido na história da humanidade e pode ser estudado, tanto em relação a essa longevidade através do uso sistemático dos três grandes ícones já referidos as pirâmides, esfinges e obeliscos, como através do entendimento, de cunho genealógico, dos casos isolados, particulares de cada local do planeta em que foi localizado e/ou produzido essa cópia.

Os achados sobre egiptomania são, em geral, inimagináveis *a priori* tanto em âmbito quantitativo quanto qualitativo no continente americano e no mundo em territórios tão longínquos, do Egito, como Austrália, Nova Zelândia e China. Quando eles aparecem costumam causar emoção comparável às descritas nas descobertas de cunho arqueológico. Assim, inúmeros outros exemplos poderiam ser citados e, até mesmo, estudos comparativos entre práticas de egiptomania estampadas em um mesmo suporte material: como por exemplo, as capas de dois livros publicados em Portugal e na Argentina, que estampam imagens de obeliscos, erigidos em suas respectivas capitais nacionais, com propósitos turísticos e literários.

Bibliografia

- BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)*. Lisboa: Imprensa Casa Nacional da Moeda, 1986. n.5.
- BAINES, J. ; MÁLEK, J. Atlas of Ancient Egypt. London, British Libray, 1996: p.84
- BAKOS, Margaret Marchiori. *Um olhar sobre o antigo Egito no novo mundo: a biblioteca pública do Estado do Rio Grande do Sul, 1922*. In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUC/RS, 27, (2), 2001. p. 153-172.
- BAKOS, Margaret Marchiori. Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil. In.: HUBERT, Jean- Marcel; PRICE, Clifford, org. *Imhotep today: egyptianizing architecture*. London: University College, 2003, p. 231-245. v. 8.
- BAKOS, Margaret Marchiori. O Egito antigo: na fronteira entre ciência e imaginação. In: NOBRE, C.; CERQUEIRA, F.; POZZER, K., org. *Fronteiras & etnicidade no mundo antigo*. (13º Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, 2003) Canoas: ULBRA, 2005. p. 271-281.
- BAKOS, Margaret Marchiori. O Egito antigo na rota dos navegadores: do começo ao fim do novo mundo. *Phoínix*. Rio de Janeiro, 12: 46-86, 2006.
- BAKOS, Margaret Marchiori. *Uma noite em el Nilo: egiptomania no Uruguai*. In: LESSA, F; BUSTAMANTE, R. org. *Memória & festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 235-239.
- BAKOS, Margaret Marchiori. *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005. Selo Paris.
- BERND, Z., org. *Americanidades e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BERND, Z.; LOPES, C. *Identidades estéticas compósitas*. Porto Alegre e Canoas: UFRGS e PPGLetras-La Salle, 1999. p.214-238.
- BONNARD, A. *Civilization griega*. Buenos Aires: Sudamericana, 1970.
- BRIER, B. *Egyptomania: surveying the Age-Old Fascination with Ancient Egypt*. San Francisco: Spring, v. 4, (1), 1993. p.40-52.
- BRITO, M. Penduricalhos da memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil. Dissertação para obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.
- BRWIER, M.C. *Présence de L'Égypte*, Namur, Bibliothèque Universitaire Moretus Plantin, 1994.
- CARDOSO, C.F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. São Paulo: Edusc, 2005.
- CURL, J.S. *Egyptomania. the egyptian revival: a recurring theme in the history of taste*. New york: Manchester University, 1994.
- DONADONI, S. et alii. *Egypt from myth to egyptology*. Torino: Fabri, 1990.
- DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Fortaleza: UFRJ/Tempo brasileiro, 1983.
- FALLOT, Jean. *La pensée de l'Égypte antique*. Paris: Publisud, 1992.

FUNARI, P. P; GARRAFONI, R.S. O Egito na sala de aula. In: BAKOS, Margaret Marchiori, org, *Egiptomania: o Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Selo Paris.

FUNARI, P. P; GARRAFONI, R.S. *Imagens do Egito antigo*. Campinas: UNICAMP, 2004 (Dissertação de mestrado).

FUNARI, R S. O Egito na sala de aula. In: BAKOS, Margaret Marchiori, org. *Egiptofilia: o Egito no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. Selo Paris.

GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

GUTIERREZ, Alberto Prebisch R. *Una vanguardia con tradición*. Buenos Aires: Cedodal, s/d.

HUMBERT, J-M.; PANTAZZI, M.; ZIEGLER, C. Egyptomania: egypt in western art, 1730-1930. In : *Réunion des musées nationaux/national gallery of Canadá*. Paris: Ottawa, 1994.

HUMBERT, J.M. (org.) *L'Égyptomanie à l'épreuve de l'archéologie*. Paris: Musée du Louvre, 1996.

JACKS, N. Querência. *Cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: Da Universidade, 1999.

LÉVÉQUE, P. *O mundo Helenístico* Lisboa: Ed. 70, 1987.

MARTINET, André. *A lingüística sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

LOPES, C. *Identidades estéticas compósitas*. Porto Alegre, Canoas: UFRGS e PPG/Letras-La Salle, 1999. p.214-238.

PERNIGOTTI, S. *L'Egitto fuori dell'Egitto*. Milano: Archeo, 1991.

SAID, E. *Orientalismo: o oriente como uma invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

ZIVIE-COCHE, C. Sphinx. *History of a monument*. London: Cornell University Press, 2004.

Sobre egiptomania, visite: <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>